

CONSTRUIR IDENTIDADES NO PRESENTE: MEMÓRIA E PROJETO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA PUC-RIO NOS ANOS 1990 e 2000

Aluno: Miguel Alexandre da Costa Azaldegui

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves

Introdução

Ao se pensar, construir e contar a trajetória de uma instituição septuagenária, deve-se ter em mente a complexidade da tarefa e a responsabilidade que se tem ao criar uma narrativa que preserve as múltiplas memórias presentes. A PUC-Rio, então Faculdades Católicas fundada em 1940, engloba as diversas maneiras de pensar, expressar, debater e ser, ao afirmar o seu comprometimento fundamental com o ensino e pesquisa. Pode-se pensar neste espaço, físico e simbólico, como um mosaico de identidades, plurais, que através dos anos se definem e redefinem com as mudanças da sociedade e seus paradigmas, políticos, pedagógicos, econômicos e sociais. A partir disso, afim de construir e reescrever as memórias nestes espaços, o Núcleo de Memória foi criado em 2006, primeiramente voltado à pós-graduação em função da comemoração dos 40 anos de vários cursos, e posteriormente tendo seu escopo de atuação estendido a toda universidade, sendo assim constituído definitivamente o Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Através de diversas iniciativas, o Núcleo se propõe a construir a memória dessa instituição, entendendo seu caráter intrinsecamente dialético, que transita entre a crucialidade e o excesso. Isto, porque ao mesmo tempo em que se pode entender o que somos, ou seja, como nossa identidade se constituiu e quais caminhos se apresentam a partir dela, também podemos trabalha-la de forma engessada, aprisionando o presente no passado e limitando os projetos e perspectivas que poderiam se criar. Ciente desse compromisso, o Núcleo promove distintas formas de produção de memória e conhecimento. Seu acervo documental, físico e digital, propõe-se de maneira orgânica, aberto a colaboração das comunidades de dentro e fora da PUC. O site do Núcleo, a produção dos anuários e dos PIBICs, os eventos organizados, são algumas das atividades que destilam o passado, e constituem os lugares de memória da universidade, sendo o Núcleo um deles.

A coordenação da equipe é feita pela professora Margarida de Souza Neves e pelos pesquisadores Silvia Ilg Byington, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves. Incluem-se também, o fotógrafo Antônio Albuquerque, e os bolsistas de iniciação científica grupo o fotógrafo Antônio Albuquerque, e os bolsistas de iniciação científica Rodrigo Lauriano Soares, Milena Pereira, Bruna da Silva, Caren Ferreira, Miguel Azaldegui e André Mesquita Penna Firme.

Este relatório lista as minhas atividades exercidas entre Julho de 2015 a Julho de 2016, e se divide em duas partes. O Relatório Técnico descreve brevemente as atividades coletivas feitas pela equipe, e as individuais feitas por mim. Posteriormente, encontra-se o Relatório Substantivo, que consolida em texto, o atual estágio da pesquisa.

1. Relatório Técnico

1.1. Atividades em equipe

No período compreendido nesse relatório, as seguintes atividades foram realizadas pelo Núcleo de Memória:

01. Reuniões técnicas semanais com a participação de toda a equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais metas elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências, discutir textos produzidos pela equipe, estabelecer procedimentos metodológicos comuns e sanar eventuais dúvidas sobre a rotina de trabalho;
02. Publicação do acervo através do website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
03. Produção e edição de conteúdo, textos e imagens, para publicação no website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
04. Produção do Anuário da PUC-Rio;
05. A equipe do Núcleo de Memória escreve uma coluna para toda a edição do Jornal da PUC, em 2015 a coluna teve como tema “A PUC-Rio e os 450 anos da cidade”. Esse ano a temática é sobre os funcionários que completam 50 anos de trabalho na PUC, e cada bolsista em parceria com algum coordenador ficou encarregado de uma crônica;
06. Atendimento a solicitações relativas à pesquisa no acervo, cessão e autorização de uso de documentos e perguntas sobre temas abordados. As consultas, internas e externas à Universidade, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;
07. Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
08. Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
09. Realização de seminários teóricos internos com a participação dos componentes da equipe para discussão sobre conceitos de Memória. Esse ano, a equipe trabalhou com os seguintes objetos:
 - 09.1. Seminário realizado em outubro de 2015 sobre o documentário “Nostalgia da luz”. Ele foi utilizado para analisarmos o conceito de memória presente nas cenas sobre o espaço. Aborda mulheres chilenas que perderam seus entes queridos, durante o período da ditadura militar no Chile, e buscam no deserto de Atacama partes de seus corpos; e um sobrevivente cego de uma prisão no mesmo deserto que lembra suas dimensões através dos passos. O seminário trouxe a ideia de que vivemos de memórias, além de auxiliar na compreensão de que a memória se faz no tempo presente. Nostalgia de la Luz. Direção: Patricio Guzmán. Local: França/Alemanha/Chile. Atacama Productions, 2010. 90min, som, cor. Para complementar realizamos a leitura do artigo “Memória em três atos” da Eliane Dutra, que apresentou outros temas ligados à memória, prosseguindo a discussão do seminário sobre o

documentário. DUTRA, Eliane de Freitas. Memória em três atos: deslocamentos interdisciplinares. Revista USP, n. 98, p. 69-86, jun/jun/ago 2013

09.2. Livro “O sabor dos arquivos” da Arlette Farge; Seminário teórico interno no qual a equipe debateu os dois primeiros capítulos do livro "O Sabor do Arquivo" de Arlette Farge e discutimos sobre como a autora mobiliza os registros de arquivos policiais da França no século XVIII de modo a transverberar esse contexto social. Ao revelar essas situações, Farge mostra ao leitor que os documentos arquivados são como um conjunto de informações que permitem ao pesquisador descobrir novas histórias, crimes e costumes da sociedade da época. Através dessa abordagem, sua pesquisa no arquivo passa a ser interpretada como uma experiência encantadora, ao invés de ser retratada como uma vivência monótona.

09.3. No dia 25 de abril, o Núcleo discutiu os dois primeiros capítulos do livro de Angel Rama “A Cidade das Letras”. Foi ressaltado a importância, ao ler um texto, de saber quem é o autor, com quem ele dialoga, de onde e quando fala. Discutimos a estratégia do autor de construir uma história intelectual ligada à formação das cidades, e como os grupos letrados, ao longo da formação da sociedade latino-americana, construiu cidadelas letradas baseadas no domínio dos signos. Essas cidadelas, como foi ressaltado pela professora Margarida, possuem vários anéis protetores, e dividem a sociedade naqueles que dominam a língua e a letra, só a língua e nenhum dos dois. Foi ressaltado ainda a forma como tais cidadelas constroem pontes para se relacionar, quando importante, com os vários estratos sociais.;

09.4. Seminário realizado pela professora Margarida de Souza Neves sobre conceitos de memória. Com o intuito de apresentar possíveis ferramentas teóricas para os projetos de de Iniciação Científica dos bolsistas e aprofundar o debate a respeito do conceito de memória com a equipe, a professora introduziu distintos autores que versam sobre o tema, entre eles, Gilberto Velho, Pierre Nora, David Lowenthal, Tzevetan Todorov, Jacques Le Goff, Paolo Rossi e outros. Com um caráter mais expositivo, o seminário trouxe noções fundamentais sobre o assunto, e propôs relações entre elas. Entre distintas formas de se pensar a memória, influenciadas pelos múltiplos campos do conhecimento representados pelos autores, tivemos por exemplo, entendimentos que trazem a Geografia, como propõe Lowenthal ao falar do passado, transpassado pelos caminhos da história e memória, esta vista como país estrangeiro que deve ser explorada e descoberta. Ou também, através da antropologia, com Gilberto Velho analisando as relações orgânicas entre a memória, identidade e projeto, e como estas se constituíram com o advento das sociedades modernas individualistas. O ponto comum, que pode-se enxergar em meio a múltiplos saberes, é que memória é uma construção no presente, e que a consciência de seus usos e potenciais é fundamental para que não se cometam abusos e não se limite as possibilidades do futuro. Contamos com a participação especial da mãe do bolsista André Penna-Firme.

09.5. Seminário realizado pelo bolsista André M. Penna-Firme sobre o artigo “Memória, identidade e projeto” do Gilberto Velho: Foi entendido que seria de auxílio à maioria dos bolsistas, que à altura do seminário estavam na reta final de escrita de seus relatórios, a discussão sobre os conceitos que Gilberto Velho relaciona em seu texto. O bolsista fez uma breve apresentação da estrutura do texto e como os conceitos são postos em jogo, para que em seguida fosse aberto um debate sobre estas categorias, tão complexas independente de o quanto nos relacionemos com elas todos os dias. A professora Margarida atentou para o caráter “não natural” da memória, e como essa presentifica o passado assim como os projetos trazem ao presente o futuro. Foi chamada atenção também para o cuidado ao se fazer a distinção entre a memória no mundo “moderno individualista”, como diz Velho, e a mesma

em sociedades tradicionais, holísticas, e que não se pode pensar nesta como mais verdadeira que aquela, a partir do momento que se entende que toda memória é construção de narrativa e escolha, mesmo inconsciente, daquilo que se lembra. Na discussão foi ressaltado que memória, como o presente do passado, projeto, como o presente do futuro e identidade se relacionam mutuamente e se influenciam ao passo que são influenciados, e que os três, apesar de transportarem tempos e experiências, acontecem somente no presente.

10. O Núcleo de Memória está produzindo este ano um livro sobre a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, localizada no campus da PUC-Rio, e os bolsistas em parceria com os coordenadores e pesquisadores se dividiram na produção dos capítulos.

11. Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas.

12. Produção dos cartazes com a linha do tempo produzida pelo Núcleo de Memória para serem apresentados na comemoração de 10 anos do mesmo, bem como a publicação do memorial do professor Luiz Fernando Gomes Soares com introdução da professora Margarida de Souza Neves.

1.3 – Atividades individuais realizadas por Miguel Alexandre da Costa Azaldegui

No período entre dezembro de 2015 e junho de 2016, realizei as seguintes tarefas:

I. Cadastro de metadados das fotos do acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio no Site.

O estágio como bolsista no núcleo inclui como atividade, o suporte na catalogação e cadastramento do acervo. Fotos, ofícios e demais documentos constituem essa coleção.



Festa de natal da comunidade da PUC-Rio ocorrida no Pilotis, 2011. Fotografia Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

II. Pesquisa nas pastas da Reitoria sobre o Conselho de Desenvolvimento e sobre Regine Feigl.

Em janeiro de 2015 foram solicitadas pelo pesquisador mestrando em História Social da Universidade de São Paulo, Diego Batista Penholato, informações sobre José Garrido Torres. Este economista foi o primeiro Vice-Reitor de Desenvolvimento da PUC-Rio e secretário do Conselho de Desenvolvimento. A partir desta informação, foram solicitadas todas as pastas relativas ao Conselho de Desenvolvimento do arquivo da Reitoria. Esta pequena pesquisa desenvolveu-se em um trabalho mais intenso de catalogação dos arquivos do Conselho de Desenvolvimento (CONDES), encarregada a mim e ao bolsista André Penna-Firme. Outra solicitação feita por Rafael Boffa e Syllas Andrade, produtores da Camera2 Vídeo e Filmes nos direcionou a pesquisar sobre a relação de Regine Feigl e a Universidade, sendo ela uma das grandes beneficiadoras dos projetos de arrecadação da PUC-Rio. Esta pesquisa se deu tanto nos arquivos do CONDES como em pastas de arquivos sobre doações à PUC-Rio no geral.



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RJ
Gabinete do Reitor

III A-03-09
5.87

30 de junho de 1987

PR-120/87

Ilma.Sra.
Dra.Regina Feigl

Muito Prezada Dra.Regina Feigl,

Recentemente iniciamos a implementação do projeto "Memória da PUC/Rio", através do qual ficarão gravados para a posteridade não só os atos e procedimentos que deram origem e formaram, ao longo do tempo, todo o arcabouço deste centro de ensino superior, como também suas inspirações e as atuações das mais diversas personalidades, que como professores, administradores ou colaboradores possibilitaram que os ideais dos fundadores se concretizassem.

Sem dúvida, nesses quarenta anos, desde os passos iniciais do Padre Leonel Franca e do notável grupo liderado pelo inolvidável Mestre Alceu de Amoroso Lima, algumas figuras sobressairam no significado de seu apoio, em certas ocasiões decisivo para a existência e o desenvolvimento de nossa Universidade.

É o caso da Senhora, que, por tantos anos e de tantas formas sempre esteve disposta a colaborar com a Universidade, não só como membro do nosso Conselho de Desenvolvimento, mas também como animadora de Campanhas Financeiras e autora de várias contribuições.

Dentro, pois, do projeto "Memória da PUC-Rio", pretendemos, com a aprovação de nosso Grão-Chanceler, o Cardeal Dom Eugenio de Araujo Sales, erigir marcos indelévels de nosso reconhecimento àqueles que efetivamente nos ajudaram a construir esta Universidade. E como a Senhora se destaca nesse cenário, vamos perpetuar seu nome em nosso Campus.

O preito de nossa homenagem está expresso num diploma que lhe dedicamos.

A Cerimônia de entrega desse laurel será presidida por Sua Eminência o Cardeal Dom Eugenio de Araujo Sales em Sessão

III. Publicação de artigo no Jornal da PUC

O Núcleo de Memória tende a publicar anualmente, uma série de artigos no Jornal da universidade, intitulados “Crônicas de Memória”. No ano de 2015, devido a comemoração dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, a série foi chamada de “A PUC-Rio e os 450 anos da cidade”. Em conjunto com a professora Margarida de Souza Neves, publicamos a crônica “A cidade e um construtor de futuros”, em 30 de outubro de 2015, na edição 295 do Jornal da PUC.

:: A cidade e um construtor de futuros - série Crônicas de Memória - A PUC-Rio e os 450 anos da Cidade; artigo publicado em 30/10/2015 na edição 295 do Jornal da PUC.



Entre a batina e os projetos: Pe. Velloso S.J. em visita às obras do *campus* da Gávea. 1954. Fotógrafo desconhecido. Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio.

São muitas as novidades no tecido urbano do Rio de Janeiro nesse ano em que a cidade comemora 450 anos. Uma delas surpreende ao entrelaçar-se com a memória da PUC-Rio.

No caminho à beira-mar ao longo do Morro de São Bento antes reservado à Marinha Brasileira, quem poderia adivinhar que é possível descobrir novos ângulos da paisagem e, neles, a mão de um engenheiro que viria a ser Reitor da PUC-Rio?

Essa história começa em meados dos anos 1920, quando um engenheiro de nome Pedro foi convidado para a equipe contratada para a modernização do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras, tarefa complexa que, a cada etapa, lançava novos desafios.

A equipe era formada por homens experientes, como o Almirante Julio Regis Bittencourt, diretor da obra e do Arsenal e o alemão Hubert Behrendt, encarregado do pessoal técnico. Dela faziam parte também jovens promissores, tais como João Cordeiro da Graça, futuro catedrático da Universidade do Brasil; Maurício Joppert da Silva, que viria a ser Ministro da Viação e Obras Públicas; e Pedro Belisário Velloso que abandonaria a profissão de engenheiro para construir o futuro em outras frentes de trabalho.

Concluída a obra do Arsenal, o engenheiro Pedro decidiu ser padre e jesuíta e, como Padre Velloso S.J., liderou a obra do *campus* da Gávea nos anos 1950 e, em duas ocasiões, foi Reitor da PUC-Rio; empenhou-se na formação de lideranças para o mundo do trabalho e exerceu por décadas o sacerdócio na capelinha do Morro de Santa Marta, em Botafogo, onde é lembrado por gerações como padre e como amigo.

Na obra que ajudou a construir na Ilha das Cobras, na história e na memória da PUC-Rio, no capítulo ainda pouco estudado da Escola de Líderes Operários e no Morro de Santa Marta esse construtor de futuros soube inscrever seus sonhos na vida da cidade e dos cidadãos.

Margarida de Souza Neves
Miguel Alexandre da Costa Azaldegui
Núcleo de Memória da PUC-Rio

IV. Pesquisa sobre o seminário de iniciação científica PIBIC

A bolsa de estudos no núcleo, também implica na realização de uma pesquisa para o Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio. Tive interesse em estudar a trajetória do movimento estudantil e qual a relação com as mudanças ocorridas atualmente entre as instituições estudantis da PUC-Rio. Foram levantadas bibliografias que constroem essa memória do movimento, além de realizadas entrevistas com estudantes que fazem parte de organizações estudantis da universidade, afim de se estabelecer relações e identificar mudanças e ressignificações do papel do estudante. O resultado da pesquisa, será apresentado a seguir no Relatório Substantivo.

2. Relatório Substantivo

CONSTRUIR IDENTIDADES NO PRESENTE: MEMÓRIA E PROJETO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA PUC-RIO NOS ANOS 1990 e 2000

Aluno: Miguel Alexandre da Costa Azaldegui

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves

Introdução

Em períodos de ruptura política, nos quais o tecido social se encontra fragilizado e as posições ideológicas estão mais convulsionadas, tende-se a estabelecer conflitos entre distintos projetos de sociedade. Entendendo que a ideologia está presente em todos os segmentos da vida de um indivíduo, suas mais diversas formas de pensar e organizar são importantes para se ter um quadro dos horizontes e limites que se constroem em sua vida pessoal e pública.

Na história recente do Brasil, as transições políticas foram constantes e de certa forma contraditórias. O autoritarismo sempre esteve presente no século XX, com a República Velha, o Estado Novo de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar, além de antigas estruturas de poder que se mantinham (e talvez mantenham) como resquícios de um Brasil hierárquico. A exemplo disso temos a forte presença do exército durante todo esse período, que por muito tempo supervisionou e controlou os poderes da república brasileira de maneira direta ou indireta.

Entretanto, a sociedade brasileira não pode ser interpretada como passiva frente a tantos abusos de poder. É verdade que a cultura democrática no país é recente e que tivemos mais anos de governos centralizados, com eleições limitadas ou suspensas, do que abertos, com garantia de direitos ao voto universal. José Murilo de Carvalho destrincha em seu livro *Cidadania no Brasil*, os tortuosos caminhos pelos quais a cidadania brasileira foi construída, e observa que diferentemente de Estados como a Inglaterra, onde a população conquistou gradativamente e respectivamente, direitos civis, políticos e sociais, aqui a ordem se deu de maneira diferente, com ênfase nos direitos sociais e alteração em relação a ordem de conquista de cada direito. [1]

Porém, ao se atentar para os atores que empreenderam as lutas por esse progresso, pode-se entender quais imaginários políticos estavam representados ali e como a construção dos mesmos se realizou. Entre as formas tradicionais de organização popular, temos os sindicatos e partidos, os primeiros representando a classe trabalhadora, e que oscilaram entre a incorporação ao governo e a independência, e os outros, caracterizando as disputas de plurais legendas políticas pelo poder institucional. Nos anos 1960 e 1970, em um contexto de repressão a essas formas de organização, concomitantemente a explosão das problemáticas de raça, gênero e sexualidade nas comunidades ocidentais, observou-se o crescimento de uma nova forma de articulação política, os movimentos sociais identitários.

Essas formas de mobilização trouxeram um desafio aos cientistas sociais e aos próprios militantes políticos, que tinham em suas categorias analíticas e instrumentos de transformação da sociedade modelos cristalizados desde o século XIX. Como Eunice Ribeiro Durham propõe, os problemas interpretativos residiam em duas questões, a base de classes dos

movimentos era heterogênea, ou seja, congregava indivíduos sem essa forma de identificação tradicional, e também porque sua atuação não se compreendia no espaço dos partidos políticos e sindicatos. [2]

Para fins de recorte de pesquisa, irei trabalhar com o movimento estudantil no Brasil, como parte desses movimentos sociais, porém com características muito peculiares. Primeiramente, por seu marco fundacional ter ocorrido em 1937 com o I Conselho Nacional dos Estudantes, bem antes do período de expansão dos movimentos sociais identitários, e por ter tido relações estreitas com o Estado brasileiro. Depois, por ter variado suas formas de atuação, devido a mudanças ocorridas nas esferas políticas, econômicas, sociais e culturais, promovendo transformações no corpo de estudantes que o constitui, e conseqüentemente gerando novas agendas de reivindicação.

Com isso, este relatório irá se estruturar em três movimentos, a fim de analisar especificidades do movimento estudantil. Em um primeiro momento, serão interpretadas as formas como foram construídas a memória e identidade do movimento estudantil em sua vertente institucionalizada (UNE, UEEs, UBES), utilizando o material do Projeto Memória do Movimento Estudantil, iniciativa da própria UNE, em parceria com a Petrobras e a Fundação Roberto Marinho, além de outros documentos que versam sobre a trajetória deste movimento.

Após a desconstrução e desmitificação de certas memórias e histórias consolidadas no imaginário social, serão discutidas as mudanças ocorridas no corpo de estudantes com a ampliação de acesso à universidade nos anos 1990 e 2000, principalmente para setores sociais historicamente excluídos, e quais os impactos sobre as instituições tradicionais de representação estudantil.

Para finalizar, discutirei como o espaço da PUC-Rio foi palco de dinâmicas muito conflituosas entre os estudantes nos últimos anos. Utilizo entrevistas com membros de algumas organizações estudantis presentes na Universidade, além de declarações e manifestos que exprimem as posições de cada um frente ao momento político atual, as instituições tradicionais estudantis e a própria PUC-Rio, que serão analisadas a fim de entendermos a presença de transformações na identidade e projeto do movimento estudantil.

Construindo memórias e mitos

Os estudos sobre a memória difundiram e consolidaram a noção de seu caráter constitutivo, ou seja, de como ela é construída a partir de fragmentos da história selecionados de forma consciente ou inconsciente. O tempo da lembrança, sobre o qual tende-se a projetar as quimeras positivistas da verdade e da objetividade são construções, interpretações referidas ao tempo presente. É no presente que relemos, reinterpretemos e construímos de fato a memória, que como qualquer observação da realidade seja ela no presente, passado ou futuro, é enviesada por ideologias, emoções, traumas, interesses, entre outras variáveis.

Entre os autores que trabalham com a memória através de perspectivas variadas e orientadas por seus campos de conhecimento, utilizarei as ideias do antropólogo Gilberto Velho, em seu texto Memória, Identidade e Projeto. Entendo que sua percepção e análise das relações co-constitutivas entre estes três conceitos oferecem ferramentas teóricas muito ricas para a observação e problematização das narrativas consolidadas no imaginário social sobre o movimento estudantil. [3]

O autor busca explicar que com o advento do “indivíduo-sujeito”, ideia basilar das sociedades modernas ocidentais, novas formas de identificação, relação e convivência se configuram, abrindo novos campos de possibilidade nessas comunidades individualistas. As identidades tinham nas sociedades antigas características distintas, elas eram determinadas por unidades englobantes, isto é, um conjunto de códigos culturais que definiam *a priori* as características de uma pessoa. A memória socialmente relevante era encompassadora, nas

próprias palavras de Velho: “A biografia do indivíduo biológico não é enfatizada, em proveito da ênfase na continuidade de uma categoria social abrangente [...]” [4]

O processo de individualização promovido pelas ideologias modernas, racionalistas e individualistas, coloca a noção da biografia como fundamental, a trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento constituidor da sociedade. Tendo-se em mente que a passagem entre esses modos de pensamento não ocorreu de maneira linear, ambiguidades e descontinuidades marcam períodos de transição, no quais o antigo se mistura com o novo. Mesmo nos dias de hoje, as diferentes comunidades modernas ocidentais possuem variados graus de valorização do indivíduo, dependendo dos princípios compartilhados.

Vista essa mudança, Gilberto Velho argumentará que a consciência de um indivíduo em sua singularidade é baseada em uma memória, que dá consistência a uma biografia e possibilita a formulação de projetos. A memória é entendida como uma visão retrospectiva, mais ou menos organizada de uma biografia, ao mesmo tempo que o projeto seria a antecipação no futuro dessa mesma biografia, estabelecendo objetivos e os meios pelos quais eles serão alcançados:

O projeto e memória associam-se e articulam-se ao dar significado a vida e as ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória. [5]

Nesta primeira parte de seu texto, sua tese central é importante para entendermos o processo de construção da memória, e conseqüentemente do projeto e identidade do movimento estudantil. Sua história, fora alguns livros específicos e revistas produzidas dentro da própria UNE (União Nacional dos Estudantes), não havia sido escrita de maneira mais abrangente até a década de 1960. O livro de Arthur Poerner, *O Poder Jovem*, lançado no marcante ano de 1968, pode ser considerada a primeira obra de impacto e robustez sobre a trajetória do movimento. Em um contexto de protagonismo dos movimentos estudantis por todo o mundo, Poerner procurou fazer um balanço da atuação dos estudantes brasileiros, do período colonial até o seu ano de lançamento. [6]

O que torna o livro tão importante, foi a maneira como ele foi apropriado pela UNE, e utilizado como uma base histórica para a identidade que se queria construir sobre a instituição. Aline dos Santos Portilho, resume a marca que *O Poder Jovem* deixou:

Esta obra foi lançada com o objetivo de reunir documentos e contar a história da instituição através do registro de fatos “relevantes”, projeto que até então não tinha sido realizado. No livro *A UNE e o mito do poder jovem*, o historiador Alberto Saldanha ressalta como *O poder jovem* funda uma narrativa tradicional da história da UNE e articula a identidade do movimento que se reúne em torno dela, acionando as categorias “memória” e “mito político”. Assim, Poerner, lançando mão de uma vasta documentação, ainda que sem aprofundar muito os temas ou problematizá-los, articula uma auto-imagem para o movimento estudantil, em um primeiro momento, “nacionalista e progressista” e, posteriormente, “revolucionária e socialista”. (Saldanha, 2005: 15-6) [7]

Essa incorporação, faz parte de um projeto político da instituição que se insere no contexto brasileiro. Após a promulgação do Ato Institucional nº 5 pelo general Costa e Silva em 1968, as formas de repressão contra os estudantes, que já eram intensas, endureceram e desarticularam grande parte das redes estudantis de resistência à ditadura militar. Passados os Anos de Chumbo e com a gradual abertura política de Ernesto Geisel, iniciou-se uma rearticulação das entidades estudantis, principalmente após 1977, quando voltaram a ocorrer manifestações em espaços públicos, inclusive na

PUC-Rio. Nesse mesmo movimento de rearticulação, revistas e panfletos clandestinos são impressos e divulgados, exaltando a história da UNE e anunciando seu renascimento, representando uma primeira iniciativa da instituição de se autopromover através de sua história. Aline dos Santos versa sobre essas iniciativas e seus objetivos:

Em 1977, o investimento na popularização da história da UNE tornou-se um programa político da instituição.⁴ No III Encontro Nacional dos Estudantes, realizado na cidade de São Paulo, foi aprovada uma resolução de que se deveria investir em ações e na produção de materiais que difundissem a história da instituição como instrumento da luta política pela reconstrução da entidade. Este empenho resultou em materiais e ações que circularam, durante o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, com o intuito de organizar a memória da instituição, que guardam a peculiaridade de terem surgido no momento da reorganização da instituição. Para além da escrita da história da UNE, que fazia parte do esforço para sua reorganização, era preciso torná-la de conhecimento público. Escrever a história da UNE e torná-la pública eram esforços e instrumentos da disputa política em que os agentes estavam colocados, ou seja, eram parte também da reconstrução política da entidade. [8]

A partir desse período, diversas obras serão divulgadas com o intuito de construir uma memória institucional da UNE. Nos anos 1980 a entidade volta a editar a revista Movimento, que havia sido lançada em 1962 e tivera sua produção interrompida desde 1964. Posteriormente, na comemoração dos 60 anos da UNE, foi lançada a revista Histórico UNE 60 anos a favor do Brasil, em 1997. Ela homenageia personagens da história da instituição, selecionados e construídos como constituidores de sua identidade.

Apesar de terem acontecido outros empreendimentos, de maior ou menor escala, pela entidade nos anos citados, o recorte temporal da pesquisa se concentra no século XXI. E justamente neste período é que se teve a iniciativa mais ampla e aprofundada de se escrever uma história da UNE, através de múltiplas frentes. O projeto Memória do Movimento Estudantil (MME), organizado pela UNE em parceria com a Petrobras, a Fundação Roberto Marinho, o Museu da República e a Rede Globo, teve uma forte marca institucional, guiado por diretrizes que buscaram imagens específicas do movimento e seus integrantes.

Entre as atividades realizadas no projeto, estavam a organização de eventos comemorativos e debates em diversas universidades e museus, a divulgação de uma campanha pela televisão para a doação de documentos e registros sobre o movimento estudantil para a UNE, além da produção de dois filmes e um livro. Nos dois média-metragens denominados: Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil e O afeto que se encerra em nosso peito juvenil, dirigidos pelo documentarista Silvio Tendler, identifiquei um forte caráter panfletário, por serem estruturados em um encadeamento de eventos selecionados a dedo, que exaltam a atuação da UNE [9]. O primeiro fala sobre sua atuação política através de imagens de heroísmo e ação dos estudantes, depoimentos de ex-integrantes da entidade, todos ordenados através de um narrador que imprime uma linguagem poética e dá um tom épico a cada fragmento de memória retratado. No segundo filme, os enfoques são nas ações culturais promovidas pelos estudantes, e intercala novos depoimentos, imagens e encenações feitas por atores para representar as tendências dos movimentos culturais. [10]

Já o livro, escrito pela historiadora Maria Paula Araújo, Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias, possui um trabalho mais aprofundado sobre a identidade do movimento, e é consciente das múltiplas memórias que a irão construir [11]. Tem grande quantidade de documentos, fotos e depoimentos, e é estruturado em uma ordem cronológica que dá sentido aos diferentes momentos da instituição. Apesar de haver uma preocupação maior com esta obra, ao se dar as versões de vários atores, de problematizar as relações entre a história e memória e de a escrita tentar não transformar a UNE em algo sacralizado, algumas problemáticas estão presentes e tem relação com todo o MME e suas propostas.

Como Gilberto Velho explica:

A memória é fragmentada. O sentido da identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado, assim, é descontínuo. A consistência e o significado desse e da memória articulam-se à elaboração de projetos que dão sentido e estabelecem continuidade entre esse diferentes momentos e situações. [12]

É evidente que o projeto MME possui objetivos políticos, e isso não é escondido em nenhum momento. A reafirmação da UNE como entidade máxima dos estudantes, é importantíssima em uma época em que se encontra o contraditório cenário de boas relações e proximidade com o governo brasileiro, mas um certo distanciamento em relação à base de estudantes se pensado de maneira mais geral. Ao promover essa política de memória, certas imagens formadas sobre a instituição podem se tornar questionáveis, pois formam mitos e podem ter efeitos contrários do desejado. Os fragmentos e episódios separados, pinçados e ordenados para que se construa essa memória institucional triunfante, de constantes renascimentos das cinzas, criam mitologias à cerca da atuação dos estudantes. Esses mitos, se caracterizam por alguns elementos centrais.

Ao utilizar o conceito de mito proposto por Raoul Girardet, no seu livro *Mitos e Mitologias Políticas*, temos uma chave conceitual importante para interpretarmos o material do MME frente ao imaginário político da sociedade [13]. O autor vê três dimensões complementares para esse conceito intrinsecamente dinâmico e polimorfo; seriam elas: o mito como narrativa, que descreve uma história passada e sagrada que teve lugar em um tempo imemorial; como mistificação, que fundamentalmente é uma ilusão da realidade, uma camuflagem que altera a percepção do real; e como animação criadora, que apela ao movimento, agitação e transformação.

A UNE, ao selecionar fragmentos de sua história e defini-los como marcos, está criando um mito sobre sua identidade, sobre como os estudantes militantes atuam e o seu papel na sociedade. As dimensões apontadas por Girardet estão presentes na construção do MME. O período da ditadura militar é classificado como uma época de ouro do movimento estudantil, na qual os estudantes alcançaram o ápice de sua atuação (clandestina ou não) e servem de exemplo para a militância [14]. Há uma carga simbólica no “tempo do antes”, que cria uma nostalgia na mente de muitos, mesmo sem boa parte deles ter vivido a época. O presente decadente deve se espelhar no passado para alcançar seus melhores anos novamente.

A própria ordenação das imagens construída pelo MME segue a organização do mito proposta por Girardet. Esta se daria por uma sucessão de imagens, um jogo complexo de associações visuais que encadeia uma série de retratos, ilustrando o mito. O autor compara com os sonhos, devido a essa ordem de imagens que conferem significado ao que se pensa, porém de maneira parcial, pois o mito não pode ser totalmente abarcado e entendido de forma objetiva. As fotografias e filmagens utilizadas no projeto da UNE tem esse papel de consolidação de imagens selecionadas no imaginário mitológico da sociedade.

Ao se estruturar essa narrativa, se criam ilusões da realidade passada, com arquétipos do estudante politizado que milita radicalmente, e que possui uma intrínseca força renovadora da sociedade, e a UNE como representação maior desses estudantes e entidade aglutinadora. É importante ressaltar, que essa pesquisa não quer negar o vital papel das instituições e militância estudantil, mas sim identificar os mitos criados a partir de períodos selecionados.

A terceira dimensão dos mitos que a UNE construiu, é o potencial criador dos mesmos. As imagens idealizadas tem um apelo à ação, à mobilização política, o que para os objetivos políticos da UNE é essencial, visto que ela busca se aproximar novamente das bases. Porém, há uma miopia na forma como estão sendo utilizados, frente as transformações ocorridas no país recentemente. Veremos mais à frente, que ao evocar aquelas imagens dos estudantes no

período ditatorial e dos caras-pintadas nos anos 1990, não se consegue representar as novas dinâmicas que se articularam nos últimos vinte anos, trazendo demandas plurais.

Novas identidades estudantis

Se a literatura à cerca do movimento estudantil anterior a redemocratização do país em 1985 já é escassa, os autores que falam sobre o mesmo no período dos anos 1990 e 2000 são ínfimos. Entretanto, apesar da baixa produção bibliográfica, temos algumas análises que são úteis para interpretarmos as mudanças recentes entre os estudantes e o caso da PUC-Rio, ao final da pesquisa. Marcos Ribeiro Mesquita, em seu artigo Movimento Estudantil Brasileiro: Práticas Militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais, procura entender as novas dinâmicas estudantis atuais, quais suas origens e aonde elas podem levar o movimento estudantil. [15]

Para buscarmos as possíveis causas dessas transformações, devemos contextualizar o cenário político, econômico, social e educacional das últimas décadas, para a partir disso elencar as novas problemáticas e desafios às instituições tradicionais do movimento estudantil.

Após o *impeachment* de Fernando Collor de Mello da presidência do Brasil, pode-se observar uma gradual desmobilização dos estudantes das ruas. As manifestações dos caras-pintadas foram um dos últimos protestos em grande escala que tiveram os universitários e secundaristas como vanguarda. O governo que se sucedeu com Itamar Franco, manteve uma relação harmoniosa com o movimento estudantil, o que por alguns estudantes é apontado como um início do enfraquecimento das instituições estudantis em termos de militância [16].

A implementação do Plano Real feita por Itamar e continuada por Fernando Henrique Cardoso (FHC), alcançou a estabilidade monetária necessária para a retomada do crescimento econômico no país. A agenda econômica liberalizante foi uma das bases do governo FHC, seguindo a tendência do novo paradigma global neoliberal. Comprometimento com o pagamento da dívida externa, privatização de empresas estatais, retirada de barreiras alfandegárias, foram algumas dessas medidas.

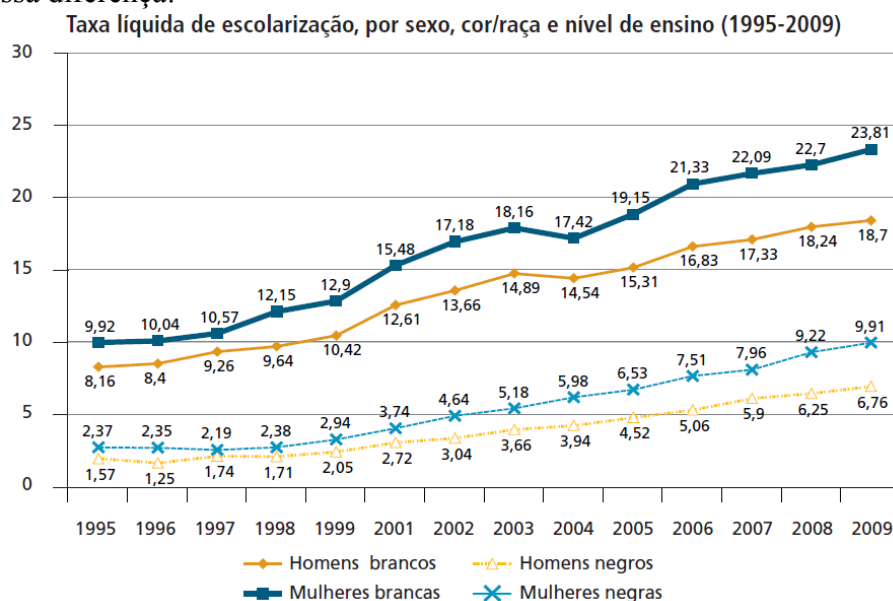
No campo das políticas educacionais, houve iniciativas de expansão do ensino superior, principalmente através da iniciativa privada, e de organização, controle e unificação da educação no Brasil, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que estava há anos em discussão no congresso [17]. No que tange ao ensino superior público, houve sucateamento das instituições e pouco aumento das vagas nas universidades federais durante os oito anos de governo FHC. Em termos sociais, a estabilização da economia garantiu popularidade ao governo no primeiro mandato, de 1994 a 1998, viabilizando sua reeleição. Entretanto, nos anos posteriores, o aumento da inflação, aliado ao não aprofundamento das políticas sociais implementadas e ao salário mínimo baixo, derrubaram as taxas de aprovação e criaram um final de mandato conturbado, e ideal para a ascensão da oposição.

A UNE, historicamente identificada com princípios e ideais de esquerda, se posicionou contra o governo FHC durante toda sua duração, porém com ações muito limitadas. As correntes políticas dominantes dentro da instituição, ligadas ao PC do B e ao PT não foram capazes de articular grandes mobilizações que tivessem participação efetiva da base estudantil. Pode-se registrar como significativas as ações promovidas contra a ALCA, o FMI e a agenda neoliberal e o Provão (prova de avaliação dos estudantes universitários ao final do curso, um embrião do atual ENADE), porém nada em maior medida. Entre os motivos para essa falta de atuação e o esvaziamento da principal entidade dos estudantes apontadas por Arthur Poerner, serão levantadas possíveis causas.

Primeiramente, deve-se ter em mente que a parcela da população que tinha acesso ao ensino superior antes dos anos 1990 era muito pequena. Os estudantes universitários eram em sua grande maioria oriundos de família ricas, ou pelo menos de classe média, majoritariamente brancos e em sua maioria homens. A gradual abertura de vagas se deu a

partir do governo FHC, através do ensino público, mas principalmente do privado, no qual as vagas mais que dobraram [18]. Houve uma continuidade e aprofundamento com o governo Lula de 2002 em diante, com uma disparada das vagas, ainda pautadas no ensino privado, e com políticas públicas de acesso ao ensino superior, como o PROUNI, o FIES, e as cotas [19].

O reflexo disso no corpo de estudantes foi profundo, apesar de ainda insuficiente. A participação de mulheres brancas aumentou exponencialmente, superando a quantidade de homens brancos nas universidades. A respeito da população negra e parda, que representa mais de 50% da população nacional, tivemos um aumento considerável de seu ingresso, principalmente devido as políticas públicas citadas acima. Entretanto, a proporção de escolaridade entre homens e mulheres, brancos e negros, tem diferenças gritantes, demonstrando que as desigualdades provocadas por séculos de um racismo e machismo estruturais, levarão mais tempo até serem superados. A seguir, temos uma tabela do IPEA, quantificando essa diferença:



Evolução nas taxas líquidas de escolarização, por sexo e cor/raça – Brasil, 1995 a 2009 (Elaborado por IPEA e extraído de Sotero, 2014)

Mesmo com imensos desafios a frente, é inegável a relativa democratização ocorrida no ensino superior, que trouxe diferentes modos de pensar, existir e ser para o corpo de estudantes. Antes com predominância masculina e branca, o movimento estudantil viu seu inevitável alargamento temático a partir dos novos paradigmas, demandas e saberes trazidos por essa diversificação. A partir disso, um desafio se forma frente as tradicionais instituições estudantis. A UNE, possuindo uma estrutura burocratizada, hierárquica, com correntes políticas consolidadas há anos nas disputas pelos poderes, se mostrou insuficiente para representar essas novas dinâmicas.

Marcos Ribeiro Mesquita levanta diferentes problemáticas do movimento estudantil atual, a partir de quatro dimensões: as relações do movimento estudantil com os estudantes, com os partidos políticos, com os ideários e o surgimento de novas linguagens e práticas em seu interior. [20]

A partir da primeira dimensão, Mesquita procura saber o porquê do distanciamento entre a instituição e a base de estudantes. Irá basear suas análises a partir de entrevistas feitas com participantes do 46º CONUNE (Congresso da UNE), ocorrido em 1999. Escutando opiniões de diferentes tendências de dentro da UNE, alguns consensos foram identificados. Entre eles, está o esgotamento das práticas políticas tradicionais, produto da estrutura

organizativa da entidade muito centralizada, hierárquica, burocrática. Os estudantes procuram novas formas de se fazer política, que os representem de maneira efetiva e incluam suas agendas, a participação e horizontalidade nas relações são exigências centrais. Esse buraco criado pela própria forma de se organizar da UNE constrói diferenças entre a identidade do movimento e as dos universitários. [21]

Outro ponto muito citado é a questão dos valores e objetivos de um jovem ao entrar em uma universidade. Muitos afirmam que devido a globalização dos ideais liberais que pregam o individualismo, a competição e a meritocracia, os estudantes estão preocupados em como irão adentrar ao mercado de trabalho, suas qualificações pessoais e demais problemáticas voltadas a si. Eles não teriam mais uma visão comunitária e orgânica de seus colegas, a organização política, os movimentos sociais seriam atividades secundárias comparadas às preocupações com sua própria condição socioeconômica [22]. Nessas opiniões, os entrevistados talvez estejam fazendo comparações entre a realidade atual e um mito do movimento estudantil. Como visto na primeira parte deste Relatório, a seleção de fragmentos específicos na história do movimento estudantil construiu um arquétipo do estudante radical, vanguardista às transformações da sociedade. Entretanto, esse mito político apesar de ter bases reais em certos momentos, não pode ser generalizado. Não se pode afirmar que os universitários dos anos 1950, 1960, 1970 eram todos contestadores da ordem vigente, vide o exemplo do apoio de parte dos estudantes da PUC-Rio e de outras universidades ao Golpe Civil-Militar em 1964. [23]

A segunda dimensão que o autor explora, são as relações do movimento com os partidos políticos. Aqui é identificado um caráter ambíguo em relação aos principais grupos políticos da UNE. É unânime a ideia de que a proximidade entre esses dois tipos de organizações políticas provoca um afastamento entre estudantes e entidades, devido as acusações de aparelhamento do movimento estudantil como um braço institucional de um partido político. Lembrando que as entrevistas foram feitas em 1999, porém a questão continua extremamente atual, principalmente devido às relações próximas entre os governos Lula e Dilma com a UNE, nos últimos 15 anos.

Os dirigentes da UNE desde essa época, pregam um discurso ambíguo, pois se dizem apartidários, para terem legitimidade nas disputas pelos cargos de comando, porém são quase todos provenientes de alguma corrente de um partido político e estão nesta posição de poder devido a organização e apoio dos partidos, em termos materiais e simbólicos. Os problemas que aparecem dessa presença dos partidos dentro do movimento são, segundo Mesquita, a falta de uma agenda clara de reivindicações independente das lógicas partidárias, o engessamento do movimento ao se prender nessas antigas formas e estruturas de se fazer política, impedindo possíveis iniciativas criativas que atualizassem a instituição. Além da clara hierarquia que os militantes de partido tendem a estabelecer com estudantes independentes, vistos como pessoas a serem convencidas por sua autoridade baseada na compreensão da realidade (que é muitas vezes a compreensão do partido). Resumindo:

Essa dinâmica onde os militantes se percebem enquanto vanguarda – elaboradores de um discurso muitas vezes fechado – distancia cada vez mais aqueles que não participam deste campo político. Para estes estudantes, as regras do jogo são outras. [24]

A terceira dimensão seria a do movimento e seus ideários. Mesquita identifica três questões centrais para os membros da UNE: a reestruturação das entidades, a ampliação das temáticas no interior do movimento e a luta pela educação como bem público, de qualidade e universal. Tudo isso inserido no momento político e econômico da época, o que tem muito em comum com o cenário atual de crise, corte de gastos e a precarização do ensino superior público. Um questionamento pertinente levantado pelo autor é sobre a retórica da UNE só se dirigir às universidades públicas, quando na verdade a grande maioria dos estudantes se

encontra no setor privado [25]. O que gera problemas, pois além de não serem alvo de pautas nessas entidades, não existe uma tradição de organização política entre seus universitários, configurando esse cenário de imobilismo e desinteresse.

Críticas a essas questões centrais, vistas como muito gerais, são feitas pelos próprios participantes da UNE. Demandas excludentes, superficiais e utópicas são problemáticas em termos de representatividade e pragmatismo, em outras palavras, por quem está reivindicando certas coisas e através de quais medidas. A falta de identidade na UNE que seja construída pelos estudantes de maneira mais ampla, reflete na falta de um projeto consistente e plural. Aqui os conceitos de Gilberto Velho novamente fazem sentido, demonstrando a relação necessária entre identidade e projeto. [26]

A partir disso, a última dimensão se manifesta como reflexo de todas as outras. São as novas linguagens e práticas emergentes que se constroem como alternativas às organizações clássicas estudantis. Essas novas lógicas de militância prezam pela igualdade entre os membros na construção de agendas e meios para alcançá-las, e possuem algum elo identitário, seja ele vinculado a raça, gênero, sexualidade, entre outros. Há uma espécie de entrecruzamento entre o movimento estudantil, entendido agora de maneira mais ampla, e os diversos movimentos sociais. Temáticas que misturam demandas sobre a educação, em conjunto com questões específicas do negro, da mulher, do homossexual. As lutas são resignificadas e ampliadas, caracterizando as Novas Sociabilidades Militantes, propostas por Mesquita. [27]

A UNE nos últimos anos procurou absorver essas novas demandas criando instituições com temáticas próprias, e trouxe o debate para seus congressos. Formaram-se, inclusive, congressos específicos para certas identidades que exigem independência, como as mulheres e os negros. De todo modo, apesar da lentidão, há uma procura de maior representatividade pela entidade, que pode ser vista como positiva. Marcos Ribeiro resume bem o processo que vem ocorrendo:

As experiências variadas de expressões estudantis vão crescendo e amadurecendo em meio a uma diversidade de articulações. O movimento estudantil ao tentar se expressar por outras vias que não somente a tradicional, passa por um processo de ampliação de sua identidade. [28]

Ao observar essas dinâmicas nos dias de hoje, a PUC-Rio será objeto de análise abordado em seguida.

A PUC-Rio como espaço de negociação

A PUC-Rio possui historicamente uma cultura política ativa entre seus estudantes. Das lutas contra a ditadura militar, as negociações e articulações para viabilizar reformas universitárias e garantir sua voz nos conselhos da universidade, os movimentos estudantis aqui presentes, de maneira mais branda ou direta, procuraram alcançar suas demandas.

Entretanto, nos últimos anos, observa-se um acirramento entre as diferentes organizações políticas na Universidade. Para interpretar esse cenário, deve-se contextualizar os processos eletivos para o DCE e seus desdobramentos. Em 2014, concomitantemente às eleições anuais para o DCE, realizaram-se as disputas pela presidência do Brasil. Estas, marcadas pela grande polarização entre seus dois principais candidatos, Dilma Rousseff e Aécio Neves, influenciaram diretamente o processo eleitoral da instituição universitária. A chapa que buscava se reeleger, Roda Viva, estava no poder há seis anos e era acusada de promover apoio direto ao governo petista, enquanto a oposição, representada na época pelo Muda DCE, possuía laços com partidos de direita, além de apoiar o candidato Aécio em sua campanha.

Independente das trocas de acusações feitas e diversas especulações que circularam nos Pilotis da PUC-Rio, o resultado foi a eleição da chapa oposicionista, pondo fim ao extenso mandato do Roda Viva. A nova gestão tinha e tem princípios bem distintos de seus

antecessores, e apesar de algumas polêmicas entre a instituição e o corpo discente, a chapa hoje chamada DCE Raul Amaro parece estar tranquila no poder, principalmente após as eleições de 2015 nas quais obteve um percentual de voto amplo, cerca 75%.

Entretanto, essa visão superficial das disputas políticas entre estudantes esconde muitas dinâmicas que ocorreram e estão ocorrendo na universidade. As transformações das demandas, identidades e em última instância, projetos do movimento estudantil brasileiro nos últimos anos, identificados na seção anterior da pesquisa, estão em parte presentes na PUC-Rio, porém com características próprias deste espaço. É importante pensar nas especificidades desta universidade privada, como local ainda muito elitizado apesar do grande número de bolsistas e políticas de inclusão, e a consequente diversificação do corpo estudantil. Para dar voz aos atores dessas dinâmicas, realizei três entrevistas: o presidente do DCE Raul Amaro, uma integrante do Coletivo Nuvem Negra e uma participante do Coletivo de Mulheres da PUC-Rio.

Foram feitas algumas perguntas mais gerais para os três entrevistados, acerca dos objetivos de suas organizações, ações empreendidas, linhas ideológicas, entre outras. E posteriormente questões mais específicas para cada um, falando sobre casos ocorridos na universidade que tiveram o envolvimento de diferentes entidades estudantis, além do posicionamento de uma frente à outra, e à UNE também.

A primeira entrevista, realizada com o Presidente da atual chapa no poder no DCE Raul Amaro, esclareceu algumas de suas posições [29]. Primeiramente, ao ser perguntado sobre a origem da chapa e a sua organização, o presidente afirmou que a chapa, antes denominada MUDA DCE, teve suas fundações oriundas do movimento Onda Azul, formado em 2014 para apoiar a candidatura de Aécio Neves. Os ideários frisados por ele foram os da liberdade, pluralidade, apartidarismo, transparência e eficiência, inclusive citando as diferenças em relação à chapa anterior, que teria deixado o DCE endividado e sucateado, frente ao equilíbrio fiscal implementado atualmente.

Ele enxerga a aprovação representada pelas urnas nas eleições de 2015 como reflexo da gestão acertada que estão promovendo. E ao ser questionado sobre a baixa participação do corpo discente nesses votos, o presidente acredita que caso ela aumentasse de maneira efetiva, o que implicaria num aumento dos votos de cursos que não possuem atualmente uma tradição de participação política (engenharias, Física, Química, Administração), o percentual de votos seria maior ainda, já que estes alunos se identificam com seus ideais.

Posteriormente, realizada a pergunta sobre as conturbadas relações entre o DCE e diversos coletivos da universidade, as respostas apontaram para uma inclinação ao distanciamento e ataque destes ao DCE, devido principalmente à divergências ideológicas. Procurou desmentir acusações de falta de comunicação com coletivos, ao falar que abriu diálogos com todos, mas sem sucesso. Ao final da entrevista o assunto convergiu para a UNE, que é um dos maiores alvos de crítica do DCE Raul Amaro. Documentos e declarações formais de repúdio a União Nacional dos Estudantes foram divulgados, expressando a aversão ao suposto aparelhamento da entidade pelos partidos de esquerda PT e PC do B, falta de transparência sobre suas contas, corrupção e não representatividade frente aos estudantes [30]. Aqui, identificamos alguns pontos em comum com as críticas feitas pelos próprios membros da UNE no trabalho de Marcos Ribeiro Mesquita, porém o local político de fala é diferente, já que lá partiam de espectros da esquerda, e na PUC-Rio partem de um posicionamento de centro-direita [31].

A respeito de alternativas a UNE, o documento divulgado pela chapa aponta entidades estudantis distintas, como a ANEL (Assembleia Nacional dos Estudantes Livres). Entretanto, na entrevista, o próprio presidente rechaça uma possível aproximação, devido às contradições ideológicas entre ambos, o que representa uma ambiguidade com as acusações feitas aos coletivos. Sua proposta é uma refundação da entidade a partir de bases completamente

distintas, pautadas na transparência e independência frente ao governo e partidos. Apesar de não aprofundar muito o tema, lembrou a atuação estudantil em sua época de ouro durante a ditadura militar de 1964, e houve rápida citação de um ator em específico, o que demonstra uma seleção de certos fragmentos baseados em suas convicções políticas e identidades [32]. Aqui se observa a identidade influenciando diretamente na construção de uma memória.

A participação da UNE durante o período militar é inegável, o papel que teve inclusive o ministro José Serra, que foi presidente da UNE antes do Golpe, com posições muito claras e atuações muito bem-feitas. [33]

Ao buscar um contraponto às opiniões do líder da chapa Raul Amaro, ambas as representantes dos Coletivos Nuvem Negra e de Mulheres da PUC-Rio, ampliaram e complexificaram as problemáticas levantadas nas entrevistas. A integrante do Coletivo Nuvem Negra (CNN) explicou as motivações na construção da organização, voltadas a estabelecer redes entre os estudantes negros da universidade, para que suas lutas, demandas, modos de pensar e críticas, sejam visibilizadas e implementadas, promovendo transformações nas estruturas políticas, comportamentais, econômicas e sociais racistas, que transpassam nosso cotidiano.

Temas como a questão da permanência dos alunos que tiveram acesso à universidade através de bolsas ou financiamentos, a inclusão de epistemologias latino-americanas e africanas nos currículos dos cursos e divulgação da produção acadêmica e cultural negra são alguns dos componentes da agenda do coletivo citados na entrevista. Comparando rapidamente com os valores e propostas do DCE atual, vemos claramente as diferenças de pautas e objetivos. A representação dos negros dentro da chapa é baixa, o que se reflete em uma marginalização das pautas do coletivo negro, e uma desestabilização de seu princípio de pluralidade. Segundo a militante, a falta de diálogo foi reforçada, devido a essa falta de representação, somando-se as iniciativas de organização de eventos que discutiam questões raciais pelo DCE sem haver qualquer tipo de consulta ao Coletivo Nuvem Negra.

Além dessas diferenças marcadas com o Diretório Central dos Estudantes da PUC-Rio, o posicionamento do coletivo em relação a UNE também é crítico. A estudante cita a questão do partidarismo:

Com relação a UNE, a questão é que ela é nitidamente partidária. A gente entende, não só como Nuvem Negra, mas vários coletivos negros de várias universidades não apoiam essa visão partidária, de construir pautas negras dentro de partidos. Baseadas em partidos. Porque historicamente, todos os partidos, mesmos os de esquerda, silenciaram as pautas negras. [34]

O Coletivo se considera apartidário e não vê a UNE como opção de representação em nível nacional. Congressos alternativos são organizados, a exemplo do ECUN (Encontro de Estudantes de Coletivos Universitários Negros) formado de maneira independente pelos próprios participantes. Apesar de existir a organização do ENUNE (Encontro de Negros e Negras e cotistas) pela UNE, as posições sobre a participação no mesmo não são consensuais dentro do coletivo, visto como uma mera concessão das forças hegemônicas da instituição. Inclusive, ao se pensar nas produções do projeto Memória do Movimento Estudantil, e especificamente no livro de Maria Paula Araújo, as páginas destinadas aos jovens negros são quase inexistentes, o que demonstra não um silenciamento feito pela autora, mas pelo próprio movimento durante sua história.

Na terceira entrevista, feita com uma militante do Coletivo de Mulheres da PUC-Rio, identificamos algumas problemáticas comuns às apontadas pelo Nuvem Negra, porém com diferenças fundamentais, principalmente no que tange a UNE. Primeiramente, pela organização ter como vínculo identitário o gênero, as pautas de luta são diferenciadas às do coletivo anterior pois os sujeitos que constroem em conjunto sua identidade e projetos estão unidos pela categoria da mulher. Entretanto, a entrevistada afirma que o principal consenso

dessa coletividade é a luta interseccional, ou seja, a sobreposição de lutas que combatam as opressões de gênero, raça e classe, todas intrinsecamente relacionadas. A partir daí, vemos que há um espaço de colaboração e articulação com o CNN, materializado em algumas iniciativas de debates sobre feminismo negro.

A militância contra o patriarcado, estrutura machista marcante no Brasil, é o princípio básico que guia o movimento. A busca pela representação e emancipação da mulher nos diversos segmentos da sociedade são os objetivos que se projetam a partir dessa identidade feminista. Quando levantada a questão sobre as relações com a gestão do DCE, novamente aparecem rupturas, motivadas segundo a entrevistada por sucessivas ações machistas do DCE. As diferenças ideológicas, diferentemente do CNN, parecem ser mais marcadas, já que o Coletivo de Mulheres declara um posicionamento político à esquerda, em contrapartida ao Diretório atual, e possuía relações e agendas próximas com a antiga gestão de DCE, Roda Viva.

A UNE, na visão da militante, tem, sim, relações problemáticas em seu interior. Também identifica a relação problemática com os partidos e suas correntes políticas majoritárias. Todavia, ela enxerga os congressos como espaço importante da mobilização e construção das ações estudantis. A UNE vista como unidade englobante de identidades plurais, tem uma missão difícil em conciliar um projeto de atuação. E ao procurar interpretar o corte de relações do DCE da PUC-Rio com União Nacional dos Estudantes atualmente, ela afirma:

No caso do repúdio da UNE pelo DCE, vemos muita motivação pela falta de força dos partidos de direita dentro da UNE. E se formos pensar, a direita não tem tradição de movimento estudantil, porque as pautas não são inclusivas, elas não vão organizar a vida do estudante. [35]

E complementa:

As práticas de militância deles são outras, são muito diferentes das práticas colocadas pela UNE, principalmente no período da ditadura, que foi um quadro de resistência muito grande. É complicado perceber que certas forças que não participaram dessa construção, e fazem esse trabalho de uma reivindicação por fora que não existe, falando que o movimento foi apropriado pela esquerda, colocando todos no mesmo saco, sendo que são várias forças da esquerda. A direita não tem tradição de movimento de massa. [36]

A partir desse complexo cenário que se configura na PUC-Rio, os múltiplos movimentos estudantis aqui presentes disputam seu espaço na política, propondo suas agendas e bandeiras como legítimas. O contexto de crise política e econômica contribui para o acirramento entre ideais opostos, o que é muito facilmente identificado com os discursos feitos pelos diferentes militantes, que utilizam categorias fixas a respeito do posicionamento político de outras entidades para contestá-las. Porém, entram em contradição com as próprias convicções de pluralidade de posicionamento no corpo estudantil.

Assim como foram identificadas as mudanças do corpo estudantil que culminaram nas Novas Sociabilidades Militantes das organizações estudantis, o espaço da PUC-Rio apresenta essas dinâmicas plurais e desestabilizadoras. Ela possui suas especificidades, por ser uma universidade privada, com tradição de mobilização estudantil e implementação de políticas de inclusão, porém, ao mesmo tempo, muito elitizada. Todas essas especificidades construíram um quadro único entre os estudantes. As demandas identitárias, a falta de interesse pela política pela maioria do corpo discente, são questões complementares ao se entender o esvaziamento do movimento estudantil.

As identidades do movimento estudantil estão se alargando e diversificando, pois, caso contrário, as instituições tradicionais estariam destinadas ao esvaziamento total. Porém, novas formas de estruturação e ação política tem de ser pensadas caso a UNE e demais instituições estudantis tradicionais queiram recuperar seu protagonismo. A emergência de uma chapa do DCE com valores tão distintos aos tradicionalmente pregados, e que possui uma aprovação (pelo menos a nível das urnas) elevada, demonstram a necessidade de uma reconstrução dos espaços tradicionais de atuação política pelos estudantes.

Em última instância, os projetos presentes no movimento estudantil da PUC-Rio, como representações das identidades e memórias plurais dos estudantes, são instrumentos básicos de negociação da realidade com outros atores [37]. Eles são construídos, fundamentalmente, como maneiras de articular interesses, agendas, aspirações, sonhos. Estão em permanente mudança, são dinâmicos e permanentemente organizados entre os atores, sejam eles indivíduos ou instituições. [38]

Conclusões

Esta pesquisa buscou compreender as mudanças ocorridas no movimento estudantil nos últimos 20 anos. A partir da problematização da identidade do movimento estudantil, cristalizada no imaginário social como organização intrinsecamente revolucionária e que atua como vanguarda dos movimentos sociais, o texto buscou demonstrar uma imagem mais realista dos estudantes.

As políticas de memória empreendidas pelo movimento estudantil institucionalizado, mais especificamente da UNE, buscam reforçar os mitos sobre sua trajetória. Ao selecionarem fragmentos específicos da história, a fim de criar uma narrativa que demonstre a identidade combativa da UNE, que apesar das adversidades em cada momento histórico se manteve forte, atuante e teve a força para renascer sempre que necessário, acabaram construindo uma mitologia, com a evocação de uma época de ouro, da força material e simbólica ao movimento estudantil. [39]

A partir do reconhecimento dessas identidades baseadas em imaginários mitológicos, que formam o imaginário social do papel da UNE e dos estudantes, procurou-se entender as mudanças ocorridas nos últimos anos, que alteraram as dinâmicas estudantis e se mostraram um desafio às instituições tradicionais estudantis. Entre as várias causas, a ampliação do acesso ao ensino superior e a consequente diversificação do corpo estudantil, a predominância de uma mentalidade individualista pelos estudantes e as práticas e estruturas políticas ultrapassadas. Como alternativa a essa falta de representatividade nestas entidades, Novas Sociabilidades Militantes se formaram, trazendo novos paradigmas de atuação, guiados pela horizontalidade, independência frente aos partidos políticos e a luta por demandas historicamente excluídas, ligadas a questões identitárias. [40]

Foram realizadas entrevistas com três representantes de organizações estudantis da PUC-Rio, a fim de identificar essas mudanças neste espaço, atualmente. Consideradas as especificidades sociais, econômicas e políticas dessa universidade, algumas dinâmicas propostas anteriormente se confirmaram, porém inseridas em casos mais específicos e complexos. As duas militantes de coletivos entrevistadas teceram críticas ao DCE da Universidade, que recentemente havia passado por uma mudança radical em sua direção, após a eleição da chapa Raul Amaro. Novos valores passaram a ser defendidos pelo DCE, que, normalmente identificado como parte das instituições tradicionais, agora buscava romper com essas tradições e implementar uma gestão transparente, plural e profissional. O quadro de disputas entre projetos e identidades de diferentes organizações se reconfigura na PUC-Rio, onde a significação do papel dos estudantes se encontra em jogo, formando múltiplos horizontes de possibilidades.

Referências Bibliográficas

- 1 - CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- 2 - DURHAM, Eunice Ribeiro. **Movimentos Sociais: a construção da cidadania**. São Paulo: Novos Estudos CEPRAP, 1984
- 3 - VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- 4 - Idem. Ibidem.
- 5 - Idem. Ibidem.
- 6 - POERNER, Arthur. **O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. 5 ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.
- 7 – PORTILHO, Aline. O projeto Memória do Movimento Estudantil e a institucionalização da memória como capital político da União Nacional dos Estudantes. In: **XXVI Simpósio Nacional de História**, São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH, 2011.
- 8 – Idem. Ibidem.
- 9 - TENDLER, Silvio. **Ou Ficar a Pátria Livre ou Morrer Pelo Brasil**. Rio de Janeiro: UNE, 2007. Documentário. 53 min.
- 10 - Id. **O Afeto que se Encerra em Nosso Peito Juvenil**. Rio de Janeiro: UNE, 2007. Documentário. 50 min.
- 11 – ARAUJO, Maria P. N. **Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fundação Roberto Marinho, 2007.
- 12 - VELHO, Gilberto. op. cit.
- 13 – GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1987.
- 14 - Idem. Ibidem.
- 15 - MESQUITA, Marcos R. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, No 66, Outubro 2003, pg. 117-149.
- 16 – POERNER, Arthur. op. cit.
- 17 - DURHAM, Eunice Ribeiro. **A política educacional do governo Fernando Henrique Cardoso: uma visão comparada**. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, 2010. p. 153-179.
- 18 - Idem. Ibidem.
- 19 - Idem. Ibidem.
- 20 – MESQUITA, Marcos R. op. cit
- 21 - Idem. Ibidem

22 - Idem. *Ibidem*

23 – FARIAS, Juliana. **Movimento estudantil da PUC-Rio (1977-1981):** entre memórias e representações. Rio de Janeiro, projeto de monografia. 2001.

24 - MESQUITA, Marcos R. op. cit

25 - Idem. *Ibidem*

26 - VELHO, Gilberto. op. cit.

27 - MESQUITA, Marcos R. op. cit

28 - Idem. *Ibidem*

29 – LEITE, Fernando. **Entrevista** concedida a Miguel Costa Azaldegui. Rio de Janeiro, 10 de Junho. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

30 - DCE Raul Amaro. **UNE – Aparentamento Partidário, Recebimento de Verbas Públicas e Relação com Políticos.** Disponível em: <
<https://www.dropbox.com/s/dlgra27nhptjlr/Not%C3%ADcias%20Nota%20UNE.pdf?dl=0>>

31 - MESQUITA, Marcos R. op. cit

32 - VELHO, Gilberto. op. cit.

33 – LUIZ, Natany. **Entrevista** concedida a Miguel Costa Azaldegui. Rio de Janeiro, 15 de Junho. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

34 - Idem. *Ibidem*

35 – HERZOG, Laura. **Entrevista** concedida a Miguel Costa Azaldegui. Rio de Janeiro, 15 de Julho. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

36 - Idem. *Ibidem*

37 - VELHO, Gilberto. op. cit.

38 - Idem. *Ibidem*

39 - GIRARDET, Raoul. op. cit.

40 - MESQUITA, Marcos R. op. cit